

DAVE EGGERS

Um holograma para o rei

Tradução
Jorio Dauster



Copyright © 2012 by Dave Eggers
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

A Hologram for the King

Capa

Retina_78

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Thaís Totino Richter

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eggers, Dave

Um holograma para o rei / Dave Eggers ; tradução Jorio Dauster. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: A Hologram for the King.

ISBN 978-85-359-2607-1

1. Ficção norte-americana 1. Título.

15-04217

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1

Alan Clay acordou em Jidá, na Arábia Saudita, no dia 30 de maio de 2010. Havia passado dois dias voando para chegar lá.

Em Nairóbi, tinha encontrado uma mulher. Sentaram-se lado a lado enquanto esperavam por seus voos. Ela era alta, curvilínea e usava pequenos brincos de ouro. Tinha a pele rosada e uma voz melodiosa. Alan gostou mais dela que de muita gente que via todos os dias. Ela disse que morava ao norte do estado de Nova York. Não muito longe da casa dele nos subúrbios de Boston.

Se tivesse coragem, encontraria meios de ficar mais tempo com ela. Em vez disso, pegou seu avião e voou para Riad, seguindo de lá para Jidá. Um homem o apanhou no aeroporto e o levou para o Hilton.

Com um clique, Alan entrou no quarto do Hilton à 1h12. Aprontou-se rapidamente para dormir. Precisava dormir. Às se-

te, teria de viajar uma hora rumo ao norte para chegar às oito na Cidade Econômica Rei Abdullah. Lá, ele e sua equipe montariam um sistema de teleconferências holográficas e aguardariam para apresentá-lo ao próprio rei Abdullah. Caso o impressionassem, ele concederia o contrato de tecnologia de informação de toda a cidade para a Reliant, e a comissão de Alan, de cerca de meio milhão de dólares, daria um jeito em tudo que o afligia.

Por isso, precisava estar descansado. Sentir-se preparado. No entanto, passou quatro horas na cama sem dormir.

Pensou em sua filha, Kit, que cursava a universidade, uma universidade muito boa e cara. Não tinha como pagar as mensalidades no período escolar do outono. Não tinha como cobrir suas despesas na universidade porque havia tomado uma série de decisões tolas na vida. Não planejara bem. Faltou-lhe coragem quando mais necessitava dela.

Suas decisões tinham sido míopes.

As decisões de seus pares tinham sido míopes.

Todas as decisões tinham sido tolas e oportunistas.

Mas ele não sabia que essas decisões eram míopes, tolas ou oportunistas. Ele e seus pares não sabiam que aquelas decisões deixariam Alan quase quebrado, para todos os fins práticos, desempregado, dono de uma firma de consultoria composta apenas dele e tocada de um escritório em sua própria casa.

Era divorciado da mãe de Kit, Ruby, estando agora separados havia mais tempo do que tinham vivido juntos. Ruby, uma mulher insuportável, morava atualmente na Califórnia e não contribuía em nada para o sustento de Kit. A universidade é contigo, ela dissera; trate de ser um homem de verdade.

Kit agora teria de largar a universidade no outono. Alan pusera sua casa à venda, mas ainda não surgira um comprador. Fora isso, não lhe restava nenhuma opção. Devia dinheiro a muita gente, inclusive dezoito mil dólares a um par de projetistas que haviam construído o protótipo de uma nova bicicleta que ele pensou em fabricar na área de Boston. Muitos o chamaram de idiota por conta disso. Devia dinheiro a Jim Wong, que lhe emprestara quarenta e cinco mil dólares para a compra de materiais e o aluguel de um galpão. Devia outros sessenta e cinco mil dólares ou coisa parecida a meia dúzia de amigos e ex-parceiros em potencial.

Estava simplesmente quebrado. E, quando se deu conta de que não poderia pagar as mensalidades de Kit, já era tarde demais para pedir alguma bolsa. Tarde demais para se matricular em outra universidade. Seria uma tragédia o fato de que uma jovem saudável como Kit ficasse sem estudar durante um semestre? Não, não era tragédia nenhuma. A longa e tortuosa história do mundo não registraria a perda de um semestre na universidade por uma moça inteligente e capaz como Kit. Ela sobreviveria. Não era tragédia nenhuma. Nem de longe.

Diziam que era uma tragédia o que tinha acontecido com Charlie Fallon. Charlie Fallon morreu congelado no lago próximo à casa de Alan. O lago que ficava ao lado da casa de Alan.

Alan pensava em Charlie Fallon enquanto permanecia acordado no quarto do Hilton de Jidá. Alan vira Charlie entrar no lago naquele dia. Alan estava saindo de carro em direção à pedreira. Não parecia normal que um homem como Charlie Fallon estivesse entrando no lago escuro e reluzente em setembro, porém também não era incomum.

Charlie Fallon vinha lhe enviando páginas retiradas de livros nos últimos dois anos. Tinha descoberto os transcendentalistas no final da vida e se apegara a eles. Descobriria que a Brook Farm não era distante de onde ele e Alan moravam, achando que isso tinha algum significado. Estudou seus ancestrais de Boston na esperança de encontrar uma conexão, porém não achou nada. Apesar disso, enviava páginas a Alan, marcando as passagens mais relevantes.

Produtos de uma mente privilegiada, Alan pensava. Não me mande mais essas merdas, ele tinha dito a Charlie. Porém Charlie sorriu e continuou a mandar.

Por isso, quando Alan viu Charlie entrando no lago ao meio-dia de um sábado, entendeu se tratar de uma extensão lógica de sua nova paixão pela natureza. A água lhe batia na altura dos tornozelos quando Alan passou por ele naquele dia.

2

Quando Alan acordou no Hilton de Jidá, já estava atrasado. Eram oito e quinze. Caíra no sono pouco depois das cinco.

Era esperado na Cidade Econômica Rei Abdullah às oito. Ficava a pelo menos uma hora de distância. Depois de tomar banho e se vestir, chegaria lá às dez. Duas horas de atraso no primeiro dia da missão. Era um idiota. A cada ano se tornava mais idiota.

Tentou o celular de Cayley. Ela respondeu, a voz roufenha. Numa outra vida, numa outra jogada do destino, em que ele fosse mais jovem e ela mais velha, e os dois imbecis o suficiente para tentá-lo, ele e Cayley formariam um par imbatível.

“Ei, Alan! Aqui está uma beleza. Bom, talvez não tão bonito, mas você não veio.”

Ele explicou. Não mentiu. Já não conseguia mobilizar a energia nem a criatividade exigida para tal.

“Bem, não se preocupe”, ela disse, soltando uma risadinha, com aquela voz que sugeria a possibilidade, ou celebrava a existência, de uma vida fantástica de permanente sensualidade, “só estamos começando a nos preparar. Mas você vai ter de arranjar sua própria condução. Algum de vocês sabe como o Alan pode vir até aqui?”

Ela parecia estar gritando para o resto da equipe. O espaço soava cavernoso. Ele visualizou um lugar escuro e vazio, três jovens carregando velas, esperando por ele e sua lanterna.

“Ele não pode alugar um carro”, ela lhes disse.

E agora para ele: “Você pode alugar um carro, Alan?”.

“Vou dar um jeito.”

Chamou a portaria.

“Bom dia, quem fala aqui é Alan Clay. Com quem estou falando?”

Ele perguntava os nomes das pessoas. Um hábito instilado por Joe Trivole nos tempos da Fuller Brush. Pergunte os nomes, repita os nomes. Se você se lembrar do nome das pessoas, elas se lembrarão de você.

O funcionário disse se chamar Edward.

“Edward?”

“Sim, senhor. Me chamo Edward. Em que posso ajudá-lo?”

“De onde você vem, Edward?”

“Jacarta, na Indonésia, senhor.”

“Ah, Jacarta”, disse Alan. Então se deu conta de que nada tinha a dizer sobre Jacarta. Não sabia coisa nenhuma sobre Jacarta.

“Edward, será que posso alugar um carro através do hotel?”

“O senhor tem uma carteira de motorista internacional?”

“Não.”

“Então não, não acho que seja possível.”

Alan chamou o *concierge*. Explicou que precisava de um motorista para levá-lo à Cidade Econômica Rei Abdullah.

“Vai levar uns minutinhos”, disse o *concierge*. Seu sotaque não era saudita. Aparentemente, não havia nenhum cidadão saudita trabalhando naquele hotel saudita.

Alan presumia que seria assim. Tinham lhe dito que havia poucos sauditas trabalhando em qualquer lugar. Importavam a mão de obra em todos os setores. “Precisamos encontrar alguém adequado para conduzi-lo”, disse o *concierge*.

“Não pode simplesmente chamar um táxi?”

“Não exatamente, meu senhor.”

O sangue de Alan ferveu, mas fora ele o causador de toda aquela confusão. Agradeceu e desligou. Sabia que não se podia simplesmente chamar um táxi em Jidá ou Riad pela leitura dos guias turísticos, todos excessivamente cuidadosos ao elucidar os perigos que correm os viajantes estrangeiros no Reino da Arábia Saudita. O Departamento de Estado mantém o país no mais alto grau de alerta. Os sequestros não são improváveis. Alan poderia ser vendido à Al-Qaeda, objeto de uma exigência de resgate, transportado através das fronteiras. Mas ele nunca se sentira ameaçado em lugar nenhum, embora seus empregos o tivessem

levado a Juárez na década de 1990 e à Guatemala na década de 1980.

O telefone tocou.

“Temos um motorista para o senhor. Quando vai precisar dele?”

“Tão logo seja possível.”

“Ele estará aqui dentro de doze minutos.”

Alan tomou uma chuveirada e barbeou o pescoço manchado. Vestiu a camiseta, a camisa social branca, calças cáqui e meias bege, calçando mocassins. Vista-se como um homem de negócios americano, tinham lhe dito. Contavam-se muitas histórias sobre ocidentais excessivamente zelosos que usavam túnicas e turbantes. Tentando não ser tão conspícuos, fazendo um esforço. Esse tipo de esforço não era bem-visto.

Ao ajeitar o colarinho da camisa, Alan sentiu o caroço no pescoço que havia descoberto um mês antes. Era do tamanho de uma bola de golfe, projetando-se da coluna e dando a sensação de ser uma cartilagem. Certos dias, imaginava que fazia parte de sua coluna, pois o que mais podia ser?

Podia ser um tumor.

Ali, na espinha, um caroço daqueles era inevitavelmente invasivo e letal. Como nos últimos tempos seu raciocínio se tornara meio nebuloso e suas passadas algo desajeitadas, fazia um sentido perfeito e terrível que alguma coisa estivesse crescendo naquele ponto, corroendo-o, roubando sua vitalidade, solapando toda a sua acuidade e determinação.

* * *

Ele tinha planejado ver alguém sobre aquilo, mas desistira. Nenhum médico poderia operar ali. Alan não queria fazer radioterapia, não queria ficar careca. Não, o truque era tocar nele de vez em quando, atentar para os sintomas secundários, tocar de novo, e então não fazer nada.

Em doze minutos Alan estava pronto.

Chamou Cayley.

“Estou saindo agora do hotel.”

“Muito bem. Vai estar tudo pronto quando você chegar.”

A equipe podia chegar lá sem ele, a equipe podia montar o sistema sem ele. Sendo assim, por que ele estava lá? As razões eram capciosas, mas tinham se mostrado efetivas. A primeira é que ele era mais velho que os demais membros da equipe, todos eles umas crianças, ninguém com mais de trinta anos. A segunda é que Alan tinha conhecido no passado o sobrinho do rei Abdullah quando participaram de um projeto sobre plásticos em meados da década de 1990, e Eric Ingvall, vice-presidente da Reliant em Nova York, achou que se tratava de uma conexão boa o suficiente para chamar a atenção do rei. É provável que isso não fosse verdade, porém Alan preferira não convencê-los do contrário.

Alan estava feliz de ter arranjado aquele trabalho. Precisava dele. Os dezoito meses ou mais que precederam o telefonema de Ingvall tinham sido humilhantes. Preencher uma declaração

com uma renda sujeita a impostos de 22 350 dólares era uma experiência que não esperava ter em sua idade. Vinha trabalhando em casa como consultor havia sete anos, com receitas a cada ano menores. Ninguém gastava nada. Até cinco anos antes as coisas tinham ido bem; velhos amigos lhe arranjavam trabalhos e ele se revelava útil a eles. Estabelecia contatos entre eles e vendedores que conhecia, obtinha favores, fechava transações, cortava custos. Sentia-se capaz.

Agora, com cinquenta e quatro anos de idade, era visto pelos homens de negócio do país como algo tão fascinante quanto um avião feito de lama. Não conseguia encontrar emprego, não fechava contratos com novos clientes. Ele se transferira da Schwinn para a Huffy, de lá para a Frontier Manufacturing Partners, até terminar na Alan Clay Consulting, quando ficava em casa vendo DVDs dos Red Sox ganhando os campeonatos de beisebol de 2004 e 2007. A partida em que eles fizeram quatro *home runs* consecutivos contra os Yankees, em 22 de abril de 2007. Ele já vira aqueles quatro minutos e meio uma centena de vezes, e a cada vez sentia mais do que alegria: um quê de justiça, de ordem. Uma vitória que jamais seria apagada.

Alan chamou o *concierge*.

“O carro já chegou?”

“Sinto muito, vai chegar um pouco mais tarde.”

“Você é o sujeito de Jacarta?”

“Sou.”

“Edward.”

“Sim.”

“Bom dia outra vez, Edward. Quanto tempo vai demorar?”

“Vinte minutos. Posso mandar subir alguma coisa para o senhor?”

* * *

Alan foi à janela e olhou para fora. O mar Vermelho estava calmo, sem nada de notável quando visto daquela altura. Uma estrada de seis pistas corria ao longo de sua margem. Três homens vestidos de branco pescavam no píer.

Alan olhou para a varanda do quarto vizinho. Podia ver seu reflexo no vidro. Um homem de aspecto normal. Quando barbeado e vestido, era bem passável. Mas o rosto se tornara mais sombrio. Os olhos tinham ficado mais fundos, o que era percebido pelas pessoas. Na última reunião de ex-colegas de escola, um antigo jogador de futebol, que ele odiava, lhe disse: “Alan, que olheiras são essas? O que te aconteceu?”.

Soprou uma aragem vinda do mar, à distância um navio transportando contêineres seguia seu curso. Aqui e ali outras embarcações, tão pequenas como se fossem de brinquedo.

No voo entre Boston e Londres um homem se sentara ao seu lado. Bebia gim-tônica, falava sem parar.

Durante algum tempo, foi tudo bem, não é mesmo?, ele tinha dito. Quanto tempo, uns trinta anos? Talvez vinte, vinte e dois. Mas acabou, sem dúvida acabou, e agora tínhamos que nos preparar para viver, como a Europa ocidental, uma era de turismo e comércio de bens de consumo. Não foi essa a essência do que disse o sujeito no avião? Algo no gênero.

Ele não calava a boca, os drinques não paravam de vir.

Passamos a ser uma nação de gatos domesticados, ele disse.

Uma nação de pessoas irresolutas, ansiosas, que pensam demais. Felizmente não foi esse o tipo de gente que povoou o país. Era outra raça! Atravessaram o continente em carroças com rodas de madeira! A turma ia morrendo no caminho, e eles mal paravam. Naquela época, enterravam os mortos e seguiam em frente.

O homem, que estava bêbado e talvez tivesse um parafuso de menos, havia, como Alan, começado a vida trabalhando na indústria, mais tarde se perdendo em setores que só tangencialmente tratavam de produzir coisas. Estava se afogando em gim-tônica, tinha chegado ao fim da linha. Rumava para a França a fim de se aposentar perto de Nice, numa casinha que seu pai construía depois da Segunda Grande Guerra. Ponto final.

Alan tinha levado o homem na conversa, intercambiando reflexões sobre a China, a Coreia, a manufatura de roupas no Vietnã, a expansão e a queda da indústria de vestuário no Haiti, o preço de um bom quarto em Hyderabad. Alan trabalhara durante algumas décadas com bicicletas, dedicando-se depois a tarefas de consultoria em diversas áreas, ajudando as empresas a competir mediante uma eficiência impiedosa, o uso de robôs, o método de manufatura enxuta, esse tipo de coisa. No entanto, a cada ano havia menos oportunidades para um indivíduo como ele. As pessoas não queriam mais fabricar nada nos Estados Unidos. Como era possível a ele ou qualquer outro argumentar em favor de um gasto cinco ou dez vezes maior do que na Ásia? E quando os salários asiáticos atingiram os níveis insuportáveis de “digamos, cinco dólares por hora”, ainda restava a África. Os chineses já estavam fabricando tênis na Nigéria. Jack Welch disse que os processos de fabricação deveriam ser executados numa barcaça que circulasse sem parar o globo em busca dos menores custos possíveis, e parecia que o mundo havia aceitado seu conselho. O homem no avião se lamentava. Devia ser *relevante* o lugar onde se fabrica alguma coisa!

Mas Alan não queria se desesperar, assim como não queria ser puxado para baixo pela depressão do seu companheiro de viagem. Alan era um otimista, não é mesmo? Ele dizia ser. *Depressão*. Esta era a palavra que o homem mais usava. O humor negro é que arrasa com tudo. As piadas!, lamentava o homem. Eu costumava ouvir piadas desse tipo na França, na Inglaterra, na Espanha. E na Rússia! As pessoas resmungando contra um governo incorrigível, contra a ineficiência estrutural e irreversível de seus países. E a Itália! O amargor, a expectativa do declínio. Estavam por toda parte, mas agora estavam conosco também. O sarcasmo doentio. Esse é o tiro de misericórdia, juro por Deus. É o sinal de que você está na lona e não consegue se levantar!

Alan tinha ouvido tudo isso antes e não queria ouvir mais uma vez. Pôs os fones de ouvido e assistiu a vários filmes durante o resto da viagem.

Saindo da varanda, Alan voltou para o quarto escuro e fresquinho.

Pensou na sua casa. Pensou em quem estaria lá naquele momento. Quem poderia estar de passagem, tocando nas coisas, indo embora.

Sua casa estava à venda nos últimos quatro meses. É aquele lago onde o cara morreu congelado?

A única razão para Ruby telefonar era a casa. Já foi vendida? Precisava do dinheiro e achava que Alan iria vendê-la sem lhe contar. Você vai saber quando for vendida, ele dizia. Também tem a internet, ele dizia. Batia o telefone quando ela começava a gritar.